

Theodor Lipps: uma fonte esquecida do paradigma freudiano

Zeljko Loparic

Professor do Departamento de Filosofia da Unicamp e do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP

E-mail: loparicz@uol.com.br

1. Lipps na obra de Freud

Para o público interessado na obra de Freud, Theodor Lipps (1851-1914) é um desconhecido. Entretanto, Freud refere-se a Lipps em momentos decisivos da criação da sua metapsicologia, ou seja, da sua teoria do inconsciente. Como é sabido, já em 1895, Freud abandonou a teoria *fisiológica* do psiquismo, exposta em *O Projeto*,¹ e iniciou a busca de explicações *psicológicas* de fenômenos clínicos e da vida cotidiana que chamavam a sua atenção. A partir de 1898, Freud já estava trabalhando intensamente na teoria dos sonhos, ao mesmo tempo que procurava uma versão também psicológica da metapsicologia. É nesse momento que ele se dedica ao estudo das idéias de Lipps e as incorpora em sua doutrina. No fim da vida, ao refletir sobre a estrutura e a essência da teoria psicanalítica, já plenamente constituída, Freud retorna a Lipps para lembrar esse parentesco e reconhecer uma dívida intelectual.

2. Lipps nas cartas a Fliess (1898)

Lipps, professor de psicologia em Munique, ligado ao movimento fenomenológico influenciado por Franz Brentano, mestre admirado por Freud nos

¹ Na carta a Fliess de 29 de novembro de 1895, Freud escreve: “Não entendo mais o estado mental em que maquinei a psicologia [exposta no Projeto]; não consigo conceber como posso tê-la infligido a você [...]; para mim, parece ter sido uma espécie de aberração [*Wahnwitz*]” (Masson 1986, p. 153).

tempos da universidade, é mencionado, pela primeira vez, numa carta a Wilhelm Fliess de 28 de agosto de 1898:

Coloquei-me como tarefa construir uma ponte entre minha metapsicologia germinante e a que está contida nos livros e, por isso, mergulhei no estudo de Lipps, que adivincho ter a mente mais lúcida entre os escritores filosóficos da atualidade. Até o presente momento, tudo vai bastante bem quanto à compreensão e à transposição para as minhas suposições. (Masson 1986, p. 325)

Esse trecho deixa claras duas coisas. Primeiro, que Freud, no momento em que iniciava o trabalho sobre sua teoria psicológica do inconsciente, à luz de dados empíricos provenientes da clínica, em particular, da análise dos sonhos, reconhecia a existência de várias metapsicologias filosóficas, elaboradas anteriormente à dele, com base em dados da vida cotidiana normal. Segundo, que o objetivo específico de Freud, ao querer construir uma “ponte” entre a psicanálise e a filosofia, era compreender a teoria do inconsciente de Lipps e fazer a transposição desta para a sua própria teoria, ainda em formação e baseada em observações clínicas. Sabemos que, nessa época, Freud estava lendo *Die Grundtatsachen des Seelenlebens* (Os fatos fundamentais da vida mental), livro básico de Lipps, publicado em 1883.

Numa carta de 31 de agosto, escrita na véspera da sua viagem à Croácia (Dubrovnik),² Freud resume o seu acordo com Lipps nos seguintes termos:

Com a psicologia, as coisas vão melhor. Encontrei em Lipps os elementos fundamentais da minha concepção muito claramente formulados, talvez até mais do que eu gostaria. “Quem procura acha, frequentemente, muito mais do que deseja!” A consciência é apenas um órgão sensorial, todo o conteúdo psíquico apenas representação, os processos psíquicos, na sua totalidade, inconscientes. Também nos detalhes o acordo é grande, talvez a bifurcação venha mais tarde, a partir da qual possam começar as minhas novidades. Até o momento, desbravei menos de um terço do livro dele. (Masson 1986, p. 326)

² Naquela época, a Croácia fazia parte do Império Austro-Húngaro.

Freud não podia ser mais enfático: o seu acordo com Lipps chegava a ponto ele precisar achar algumas divergências que pudessem dar espaço para as suas próprias idéias sobre o inconsciente. Mark Kanzer parece ter razão quando diz que a influência do Lipps psicólogo se nota claramente no seguinte trecho da carta de 22 de setembro, que Freud dirigiu ao seu amigo Fliess, um ardente advogado da interpretação fisiológica do inconsciente:

Mas não estou, de modo algum, em desacordo com você, nem tenho a menor inclinação a manter a psicologia suspensa no ar, sem uma base orgânica. Apenas não sei como seguir adiante com essa convicção, nem teórica, nem terapeuticamente, de modo que tenho que me comportar como se dispusesse tão somente de dados psicológicos. (Masson 1986, p. 327)

Fliess parece ter se mostrado, se não incomodado, pelo menos curioso em saber mais sobre esse tal de Lipps que reforçava o *psychological turn* metodológico nas pesquisas de Freud, pois, na carta de 27 de setembro, este responde:

Quem é Lipps? Um professor de Munique que, no seu dialeto, diz exatamente aquilo a que cheguei, em minhas *especulações* [itálicos meus] sobre a consciência, a qualidade etc. Eu estava estudando os *Grundtatsachen des Seelenlebens*³ antes de começar a viagem; agora preciso reencontrar meu caminho [de leitura]. (Masson 1986, p. 330)

Como se vê, nem mesmo em sua época Lipps era alguém muito conhecido, pelo menos não o era fora do círculo restrito de filósofos. Mais importante ainda é notar que Freud sabe da diferença entre o modo da falar de Lipps e o seu próprio. Uma leitura atenta do artigo de Lipps mostra que este – invocando Hume e lembrando, sem dúvida, também de Kant – proíbe o uso de quaisquer pressupostos metafísicos e mesmo de hipóteses não ligadas aos dados acessíveis na consciência, na elaboração das explicações psicológicas causais. Freud, pelo contrário, *especula*. Conforme veremos a seguir, Freud reconhecerá nesse fato uma das duas principais diferenças entre a sua

³ Trata-se da obra de Lipps mencionada acima, *Os fatos fundamentais da vida mental*.

metapsicologia e a de Lipps. A carta nos informa ainda que, na volta da Croácia,⁴ Freud retoma a leitura do seu *alter ego* teórico.

3. O recurso a Lipps em *A interpretação dos sonhos* (1900)

Os resultados principais dessa leitura foram sintetizados na seção F do capítulo 7 de *A interpretação de sonhos*, onde Freud faz a discussão final dos conceitos de consciente e inconsciente. Freud começa rerepresentando a sua *suposição* de *dois modos de escoamento de excitações* psíquicas e enfatiza que não se trata de admitir a *existência* de processos diferentes em localidades ou *sistemas* diferentes do aparelho psíquico, mas tão somente de diversos modos de enervação de formações psíquicas, controlados por instâncias psíquicas distintas. Mesmo assim, a fim de assegurar uma “representação intuitiva” desses modos de enervação, é “adequado e justificado” trabalhar com a “metáfora” (*Gleichnis*) de dois *sistemas* “semelhantes às lentes do telescópio”, sem esquecer que eles “não são psíquicos e que não são jamais acessíveis à nossa percepção psíquica”. Embora sejam meras construções auxiliares, esses sistemas possibilitam interpretar os objetos efetivamente dados na percepção interna como “semelhantes às imagens no telescópio geradas pela propagação dos raios de luz através de suas lentes”, isto é, como *objetos virtuais*. De acordo com esse tipo de metapsicologia ficcional e fisicalista, é lícito supor, por exemplo, que “a censura corresponde à refração dos raios na passagem para um novo meio”. Além de assegurar a *visualização* dos processos psíquicos, conscientes e inconscientes, esse modo de teorização especulativa tem a vantagem de permitir que sejam feitas hipóteses metapsicológicas precisas sobre o *modo de produção* desses processos, o que, por sua vez – essa era a expectativa de Freud – permitiria tratamento eficiente de processos patológicos, tratamento concebido como correção dos desvios da enervação psíquica.

Tendo explicado isso, Freud faz uma parada na sua exposição para dedicar algumas reflexões à relação entre os seus próprios pontos de vista sobre o inconsciente e as posições teóricas que predominavam na psicologia da sua época. É nesse momento que ele retoma as idéias de Lipps expostas no presente artigo:

⁴ Foi durante essa viagem, passando pela Bósnia-Herzegovina, que Freud colheu o material para o caso Signorelli, seu primeiro estudo de caso relativo aos distúrbios da memória na vida cotidiana, publicado inicialmente em 1898 e, em seguida, como capítulo 1 de *A psicopatologia da vida cotidiana* (1903).

Segundo as palavras vigorosas de Lipps (1897), o problema do inconsciente é menos *um* problema psicológico do que *o* problema da psicologia. Enquanto a psicologia eliminava esse problema pela explicação verbal de que o “psíquico” é justamente o “consciente” e que os “processos psíquicos inconscientes” são um contra-senso palpável, permaneceu fora de questão a utilização, pela psicologia, das observações que um médico podia fazer sobre estados mentais anormais. O médico e o filósofo só podem pôr-se de acordo, se ambos reconhecerem que os processos inconscientes são “a adequada e bem justificada expressão de um fato efetivamente constatado”. (SE 5, p. 611)⁵

Igualmente lippseano é o próximo parágrafo da seção F, onde Freud, a fim de enfatizar “que o abandono da valorização excessiva do consciente é a pré-condição indispensável para qualquer visão correta do processo psíquico”, recorre de novo ao presente artigo: “Segundo as palavras de Lipps, o inconsciente tem que ser *suposto como a base geral da vida psíquica*”. As palavras que coloquei em itálico são uma citação literal. “Em Lipps”, dirá Freud em seguida, “encontramos uma tese que vai mais longe [que as dos outros filósofos], a de que o psíquico existe como inconsciente, sendo que algumas partes deste são também conscientes”. No mesmo artigo, encontra-se – tal como em certas fontes anteriores, por exemplo, Kant – o fundamento da observação que Freud faz em seguida:

O inconsciente é o psíquico propriamente real. *Na sua natureza interna, ele é tão desconhecido por nós quanto o real do mundo externo, e nos é apresentado, mediante dados da consciência, de maneira tão incompleta quanto o mundo externo através de indícios dos nossos órgãos dos sentidos.* (SE 2, p. 612; itálicos no original)

Contudo, além de fazer aliança com Lipps contra os filósofos que identificavam o psíquico com o consciente (entre eles, os que pertenciam ao movimento fenomenológico nascente) e de assimilar as idéias de Lipps no enunciado das suas teses centrais, Freud também aponta diferenças entre o conceito de inconsciente do filósofo

⁵ O leitor reconhecerá facilmente, no último trecho entre aspas, uma citação do presente artigo de Lipps. A fonte exata desse trecho decisivo não é identificada no aparelho crítico de nenhuma das edições da *Traumdeutung*.

de Munique, fundadas, como disse, na observação dos fenômenos da vida cotidiana normal, e o seu próprio, tirado da experiência clínica:

O novo que nos foi ensinado pela análise das estruturas psicopatológicas, e já do primeiro elemento dessa classe, o sonho, consiste no fato de que, já na vida normal, o inconsciente – portanto, o que é psíquico – ocorre como função de *dois sistemas separados* [itálicos meus]. Há, pois, *dois tipos de inconsciente*, distinção que ainda não foi feita pelos psicólogos. Ambos são inconscientes no sentido da psicologia, mas no nosso, um deles, que designamos por *Inc*, é também *inadmissível na consciência*, enquanto o outro, *Prc*, recebeu de nós esse nome porque suas excitações [...] podem alcançar a consciência. (SE 5, p. 614)

De acordo com esse texto, são duas as diferenças entre a concepção freudiana do inconsciente e a de Lipps: uma *empírica* e a outra, *metapsicológica*. Do ponto de vista da teoria empírica, isto é, da clínica de Freud, o inconsciente propriamente psicanalítico é algo inadmissível na consciência, isto é, censurado ou reprimido. Essa diferença é baseada, como Freud diz explicitamente, no estudo “dos fenômenos do sonho e da formação dos sintomas histéricos”. Do ponto de vista da metapsicologia freudiana propriamente dita, o que caracteriza o inconsciente psicanalítico é “o fato de as excitações, para chegarem até a consciência, terem que percorrer uma seqüência imutável, um itinerário de instâncias que podemos vislumbrar através das alterações que lhes impõe a censura” – fato que serviu a Freud para propor, especulativamente, “uma metáfora emprestada à espacialidade” (SE 5, p. 614). Portanto, o que diferencia o inconsciente freudiano do de Lipps é, primeiro, o fato de ele *ser algo reprimido* e, segundo, de ele *ser representado* como algo *espacial*.

A fim de indicar a importância capital de uma discussão aprofundada dessas diferenças para a compreensão tanto da teoria clínica como da metapsicologia freudianas, apresento apenas algumas observações relativas à segunda diferença – que diz respeito ao uso da metaforização fisicalista na teoria especulativa do inconsciente.

Como se depreende do artigo aqui comentado, Lipps distingue entre “encadeamentos” psíquicos e fisiológicos – isto é, físicos – de dados da consciência e nega qualquer interesse em *identificar* as excitações psíquicas conscientes com determinados tipos de processos cerebrais. Até aí, Freud concorda. Mas Lipps vai mais

longe e nega qualquer interesse *metodológico* em usar os resultados ou hipóteses *fisiológicas* no estudo psicológico do inconsciente, entendendo que, pelo contrário, a “psicologia pura” precisa assumir a liderança “nas questões da fisiologia”. Dessa posição, tomada em conjunto com a exigência de que os conceitos da psicologia sejam uma “expressão dos fatos” e com a proibição de recorrer aos pressupostos metafísicos e até mesmo a hipóteses *especulativas*, segue-se a proibição de usar *metáforas* fisicalistas, entre elas as *espaciais* ou *tópicas*, na teorização sobre o inconsciente psíquico.

Aqui temos o ponto de “bifurcação” entre Lipps e Freud, procurado por este desde 1898 e prontamente reconhecido em 1900. De fato, na sua teoria do inconsciente (metapsicologia), tal como apresentada em *A interpretação dos sonhos*, Freud atribui uma importância metodológica decisiva precisamente às analogias *espaciais* e mesmo *maquínicas*, ao mesmo tempo que lhes concede um *status* meramente especulativo: ele não considera nem as suas máquinas metapsicológicas nem os objetos por elas gerados como entidades fatuais, e sim como virtuais. Portanto, Freud se separa de Lipps não por cair numa metafísica realista – ele fica com Lipps ao não conceder aos objetos das suas especulações mecânicas o *status* de realidade –, mas por se valer da metafísica mecanicista transformada em metáfora e em guia da sua pesquisa. Ao inconsciente de Lipps – que não é fisiológico, nem literal nem metaforicamente, mas psíquico e real – ele opõe, conscientemente, um inconsciente metafórico, artificial, colorido fisicamente, além de impregnado de múltiplos pressupostos provenientes da metafísica da subjetividade naturalizada.

Por que Freud toma esse rumo? Terá sido por julgar que o inconsciente maquinista metafórico, especulativo e *artefatual* seria cientificamente mais relevante que o literal, puramente psicológico, empírico e *fatual*? Creio que a resposta – e aqui, de novo, indicarei apenas uma linha de argumentação – é a seguinte: porque, segundo Freud, essa concepção nos permite construir instrumentos *mais eficazes* para *encontrar* as *soluções* para os problemas que surgem na clínica psicanalítica. Freud não se separa de Lipps por *razões* provenientes da ontologia ou da epistemologia, mas por *motivos* de *eficácia* e de *heurística*. Enquanto Lipps opta pelo realismo, Freud se inclina, decididamente, para o instrumentalismo, mesmo que necessite, para realizar os seus propósitos, fazer da própria metafísica uma metáfora, isto é, um instrumento.

4. Proximidade e diferença assinaladas em *O chiste* (1905)

A grande afinidade com Lipps é reafirmada em *O chiste* (1905). Em vários trechos dessa obra, Freud não somente atribui a Lipps avanços essenciais na teoria dos chistes e do humor, mas também o apresenta como seu aliado nas questões essenciais da teoria do inconsciente, dando uma ênfase especial ao caráter dinâmico do inconsciente:

Os conceitos de “energia psíquica” e de “descarga”, bem como a abordagem da energia psíquica como quantidade, converteram-se, para mim, em hábitos de pensar desde que comecei a dar-me conta dos fatos da psicopatologia em termos filosóficos e, já em minha *A interpretação dos sonhos* (1900), tentei, no mesmo sentido que Lipps, apresentar os processos psíquicos inconscientes em si como o que é “propriamente eficaz psiquicamente”. (SE 8, p. 148; itálicos meus)

Entretanto, logo na frase seguinte, Freud enfatiza que a *única* diferença entre ele e Lipps diz respeito a *trajetórias espaciais* dos “investimentos” psíquicos, diferença já apontada em 1900, pois, conforme vimos, o *ponto de vista tópico* – valorizado por Freud como constitutivo da sua metapsicologia – é explicitamente proibido por Lipps:

Somente quando falo de “investimento dos caminhos psíquicos” pareço distanciar-me das analogias usuais de Lipps. As experiências acerca da possibilidade de deslocamento da energia psíquica ao longo de certas vias associativas e acerca da conservação, quase indestrutível, de traços de processos psíquicos, têm-me sugerido, de fato, essa figuração [*Verbildlichng*] do desconhecido. (*Ibid.*)

Logo em seguida, “para evitar o mal-entendido”, Freud acrescenta que, ao propor esse modo de *visualizar* os processos inconscientes, ele não está fazendo a tentativa de proclamar “que as células e fibras nervosas ou os sistemas de neurônios, que tomam hoje o seu lugar, são esses caminhos psicológicos”. Mais uma vez, Freud não trata a sua divergência com Lipps como um assunto de ontologia, mas como uma questão meramente metodológica, deixando claro que a sua suposição de caminhos psíquicos fixos é *apenas* uma *metáfora* espacial – ou, como Freud dirá em outros lugares, uma *construção auxiliar*, um *ponto de vista* meramente *especulativo*,

característico do modo de teorização sobre o inconsciente psíquico próprio da metapsicologia – que não deve ser tomada por uma teoria biológica organicista, com pretensões realistas.

5. Lipps nos textos tardios (1938)

Como disse anteriormente, no fim da vida, ao reexaminar e rerepresentar as suas teorias, Freud recorda-se de Lipps. No capítulo 4 de *Esboço de psicanálise* (publicado em 1940), o mais filosófico dos capítulos desse livro, Freud aponta Lipps como um daqueles pensadores que enunciaram a “suposição” do “inconsciente psíquico” nas “mesmas palavras” que a psicanálise. Em *Algumas lições elementares de psicanálise* (publicadas em 1940), Freud é ainda mais claro sobre os méritos de Lipps e a sua dívida para com ele. Ele afirma que, na psicologia, não se deve “abandonar a identidade entre o inconsciente e o psíquico”, ou seja, de que, para os fins da pesquisa psicológica, o inconsciente deve ser *definido* como psíquico.

Reconhecemos aqui a mesma posição que Freud, influenciado pela leitura de Lipps, expressou na carta a Fliess de 22 de setembro de 1898, comentada anteriormente. A identificação do inconsciente com processos orgânicos, prossegue ele, 40 anos depois daquela carta, é “injustificável e infrutífera”, o que é mostrado pela história da psicanálise, pois “somente a partir do momento em que foi feita a mudança na definição do psíquico tornou-se possível construir uma teoria abrangente e coerente da vida mental”. Depois de destacar a importância decisiva que teve, para o desenvolvimento da psicanálise, a substituição do ponto de vista fisiológico (favorecido por Fliess) pelo psicológico (defendido por Lipps), Freud faz a sua última homenagem ao filósofo alemão:

Mas não é preciso supor que esse ponto de vista alternativo sobre o psíquico seja uma inovação devida à psicanálise. O filósofo alemão Theodor Lipps afirmou, a maneira mais explícita possível, que o psíquico é em si inconsciente e que o inconsciente é o que é verdadeiramente psíquico. Por muito tempo, o conceito de inconsciente batia nas portas da psicologia, pedindo permissão para entrar. A filosofia e a literatura freqüentemente brincaram com ele, mas a ciência não encontrava, para ele, qualquer uso. A psicanálise apropriou-se do conceito, levou-o a sério e deu-lhe um conteúdo novo. (SE 23, p. 286)

Uma análise detalhada desse resumo, esboçado por Freud, da história da teorização sobre o inconsciente, que inclui Lipps como um dos autores principais, exigiria, entre outras coisas, um estudo de todas as obras de Lipps estudadas pelo criador da psicanálise. O artigo aqui traduzido pode parecer, portanto, pouco significativo para um tal empreendimento. Ele apresenta, entretanto, um interesse especial, por duas razões. Em primeiro lugar, é a ele que Freud recorre na seção F do capítulo 7 de *A interpretação dos sonhos*, texto que, como é sabido, ocupa um lugar estratégico em toda a obra de Freud, pois nele é justificado, pela primeira vez e de maneira paradigmática, o uso do conceito de inconsciente na psicanálise e na psicologia em geral. Em segundo lugar, o próprio Lipps caracteriza esse artigo como um resumo e como uma versão mais precisa das suas idéias sobre o inconsciente, expostas anteriormente em outros livros. Por isso, creio ser possível afirmar que temos diante de nós um documento de importância capital para o exame da relação entre Freud e Lipps e, portanto, conforme se depreende dos breves comentários aqui aduzidos, para o estudo da relação entre a psicanálise e a filosofia da época do seu surgimento.

6. A literatura secundária sobre Lipps e Freud

Na literatura secundária, permanece pouco estudada a influência que a obra de Lipps exerceu sobre Freud no momento decisivo em que este articulava, pela primeira vez, a sua psicologia do inconsciente, a metapsicologia. Um sinal claro desse esquecimento é o fato de o nome de Lipps não aparecer no índice de termos e nomes de *A interpretação dos sonhos*, *locus classicus* para o nosso tema, nem na *Standard Edition*, nem na Penguin, nem na *Studienausgabe*.

James Strachey, o tradutor mais influente de Freud e o seu comentador consagrado, não menciona Lipps na sua apresentação de *A interpretação dos sonhos*. Entretanto, Strachey dedica-lhe algumas observações importantes em sua introdução de *O chiste*. Depois de assinalar que, em torno de 1900, Lipps “exercia uma certa influência sobre o pensamento de Freud”, o apresentador inglês observa que, “provavelmente, o interesse de Freud por Lipps foi inicialmente despertado por um artigo sobre o inconsciente, que este apresentou num congresso de psicologia em 1897”, acrescentando que esse artigo “é a base de uma longa discussão no último capítulo de *A*

interpretação dos sonhos”. Strachey nota ainda que as cartas a Fliess revelam que, ao ler em seguida um livro de Lipps, *Os fatos fundamentais da vida mental*, publicado já em 1883, “Freud ficou de novo impressionado pelas suas observações sobre o inconsciente”.

Depois de Strachey, pouca coisa mudou. Ellenberger, por exemplo, num livro de 900 páginas, não reserva a Lipps mais do que 10 linhas, dedicadas apenas ao resumo de algumas teses do presente artigo, sem qualquer tentativa de comparação com as posições de Freud. Já Assoun, que pode ser considerado, entre os psicanalistas, um dos melhores estudiosos da relação de Freud com a tradição filosófica alemã, destaca a frase da seção F de *A interpretação dos sonhos* em que Freud “subscreve a afirmação de Theodor Lipps de que o inconsciente é ‘o problema da psicologia’” (Assoun 1976, p. 75). Entretanto, o psicanalista francês – prisioneiro, ao que parece, da tendência generalizada de ir reafirmando, contra todas as evidências, a originalidade absoluta da teoria freudiana do inconsciente – não se detém no significado do gesto de Freud de assinar em baixo de uma tese de Lipps na conclusão de sua obra máxima. Nesse texto, Freud admite, conforme foi visto, a possibilidade do acordo entre a medicina, isto é, a psicanálise enquanto disciplina clínica, e a *filosofia*, e fundamenta essa possibilidade na tese de Lipps “de que os processos psíquicos inconscientes são ‘um fato efetivamente constatado’”. Para Assoun, Freud estaria apresentando “a psicanálise como aliada da medicina face à aliança atada entre os psicólogos e os filósofos sobre o fundamento concienalista comum” (*ibid.*). Essa tese duvidosa permite a Assoun atribuir a Freud uma posição *paradoxal*: reconhecer que foi Lipps, um filósofo, quem fez do inconsciente “a base geral da vida psíquica” e, ao mesmo tempo, afirmar que o inconsciente da psicanálise “não coincide com o inconsciente dos filósofos, nem com o inconsciente de Lipps”. Assoun está empurrando Lipps para o campo dos filósofos que definem o psíquico como consciente, a fim de poder atingi-lo com a *mesma crítica* que Freud dirige ao concienalismo. Claro passo em falso, pois Freud, como vimos, ao formular a sua crítica do concienalismo usa, em parte, os argumentos do próprio Lipps contra essa posição filosófica. Não distinguindo entre as diferenças que separam Freud de filósofos da consciência e as que o opõem a Lipps, Assoun cai na ilusão de ter se livrado da tarefa de repensar a relação entre a teoria metapsicologia embrionária de Freud e a elaborada anteriormente pelo filósofo de Munique, e de poder destinar ao

esquecimento o parentesco conceitual e até mesmo a dívida intelectual de Freud para com esse pensador e o tipo de filosofia por ele representado.

Leitor sistemático, Assoun não podia deixar de notar (*ibid.*, p. 78) a passagem de *O chiste* em que Freud fala de inconsciente psíquico “no sentido de Lipps ou meu”, isto é, minimizando as suas diferenças com Lipps. Mas, nem por isso, Assoun vê-se obrigado a reexaminar a sua interpretação da seção F. Ele também sabe da referência a Lipps em *Esboço de psicanálise* e em *Algumas lições elementares de psicanálise*, ambos escritos em 1938. Por que razão Freud, octogenário, estaria voltando a Lipps, autor com quem se ocupou já em 1898? Assoun responde: porque, “no momento de introduzir cada uma das principais teses da psicanálise”, Freud buscava “uma legitimação por antecipação filosófica”. “Em outras palavras”, explica Assoun, “para cada tese básica, Freud sentia a necessidade de encontrar num grande texto filosófico um *precedente* (ou vários)”.

É difícil concordar aqui com Assoun. Em mais de uma ocasião, Freud descreveu com clareza o caminho *próprio* que seguiu na construção da psicanálise e não fazia nenhum segredo quanto aos avanços – comparáveis aos produzidos por Copérnico e Darwin – que, na sua avaliação, a psicanálise teria trazido para o pensamento ocidental em geral. Se, em determinados momentos, ele reconhece a sua dívida para com a tradição e, em particular, com a filosofia alemã, isso não se deve a qualquer “necessidade” de buscar uma “legitimação” filosófica da psicanálise. Enquanto teoria clínica, a psicanálise era concebida, por Freud, como uma ciência empírica e, por isso mesmo, não precisava nem poderia ser legitimada filosoficamente. Quanto à metapsicologia, esta é sempre apresentada como uma especulação de tipo metafísico, não podendo, tal como qualquer metafísica – nesse ponto, Freud é um kantiano – ser justificada filosoficamente, mas apenas por critérios heurísticos, isto é, mostrando a sua fertilidade como guia da pesquisa *empírica* desenvolvida na clínica.

Mesmo considerando correta a tese de Assoun relativa à “necessidade” de Freud de recorrer à legitimação filosófica, ela ainda não explicaria a referência a Lipps como instância legitimadora, nem em 1898, nem, muito menos, em 1938. Conforme vimos, Fliess, que não era exatamente um provinciano, nem ao menos sabia quem era Lipps. Nos anos 30 do século passado, Lipps já estava completamente esquecido mesmo entre os filósofos, enquanto Freud gozava de fama mundial. Por que, então, em 1938, o hóspede de honra da elite intelectual inglesa evocou o nome de um ilustre desconhecido

em sua apresentação das teses centrais da psicanálise, que – Freud sabia – ia ser a última? Suponho que foi pela mesma razão pela qual Freud falou de Lipps nas cartas a Fliess: como lembrete, para os seus leitores, de um parentesco conceitual entre a sua teoria do inconsciente e a do filósofo alemão e, sem dúvida, também como reconhecimento de uma dívida intelectual.

Gostaria de mencionar, por fim, o artigo de C. Brenner (1980), em que o papel importante de Lipps na formação da metapsicologia freudiana é claramente reconhecido, e, sobretudo, o de M. Kanzer (1981), o primeiro, de meu conhecimento, a tirar lições gerais sobre a concepção freudiana da metapsicologia e a relação entre a psicanálise e a filosofia, a partir de uma análise da influência que Lipps exerceu sobre Freud.

7. Uma tarefa ainda aberta

Espero ter mostrado, com esse breve comentário, que a discussão sobre o parentesco e as diferenças entre a teoria do inconsciente de Freud e a de Lipps precisa ser continuada. Por um lado, caberia submeter a uma análise mais fina a epistemologia e a ontologia pressupostas por Lipps em sua metapsicologia – por exemplo, a sua concepção da construção intelectual do mundo pela ciência ou a sua tese de que as forças e a matéria são *disposições*, tese que parece conter uma crítica antecipada ao *ponto de vista dinâmico* da metapsicologia freudiana – que trata forças como entidades.⁶ Por outro lado, não pode ser dispensada uma reconstrução cuidadosa do contexto intelectual em que Freud trabalhava. Algo disso está preservado no seguinte trecho, extraído das anotações de Binswanger feitas em seguida à sua visita a Freud, em 1910, mas publicadas somente em 1956:

Na conversa mencionada, eu me referi a uma afirmação sua [de Freud], feita na sessão de quarta-feira: “O inconsciente é metafísico, nós simplesmente o vemos como real”. Essa proposição mostra claramente que Freud está resignado com respeito a essa questão. Ele diz: nós procedemos *como se* o inconsciente fosse algo real, assim como o consciente. Como autêntico cientista natural, Freud não diz nada sobre a *natureza* do inconsciente, justamente porque não sabemos nada dele com certeza, mas apenas o

inferimos a partir do consciente. Ele pensa que, do mesmo modo como Kant postulou a coisa em si atrás do fenômeno, ele postulou o inconsciente por trás do consciente, que é acessível em nossa experiência. Uma outra vez, ele chamou o inconsciente de organização psíquica inferior à do consciente. *Como é sabido, ele vê, tal como Lipps*, o psíquico *kat'exohen* [por excelência] no inconsciente, do qual o consciente se desenvolve. A comparação com Kant não me parece correta em certos detalhes. Eu gostaria de dizer que nós podemos apreender muito mais e com certeza muito maior sobre o inconsciente, a partir do consciente, do que sobre a coisa em si, a partir do aparecimento. De resto, eu me referi também a Schopenhauer que construiu a vontade por trás do consciente, que naturalmente, para nós, não serve para nada. (Freud e Binswanger 1992, p. 261; itálicos meus)

Escolhi essa citação não somente porque mostra que, em 1910, era do conhecimento geral o que hoje está quase completamente esquecido, a saber, a proximidade essencial entre Freud e Lipps, mas também porque menciona um grande número de temas importantes que, até o presente momento, esperam por um esclarecimento adequado. Devido a motivos decorrentes da dinâmica cultural da Europa no século XX, a psicanálise freudiana deixou de ser estudada no seu *habitat* natural – a cultura e a filosofia alemãs. Como esse quadro é cada vez menos presente em nossa época, ou mesmo, pura e simplesmente ignorado, a compreensão do sentido e do alcance da teorização freudiana sobre o inconsciente torna-se cada vez mais precária e deficiente. Retornar a Freud implica, necessariamente, retornar a Kant e a Schopenhauer e, conforme mostra o texto de Binswanger, também ao hoje desconhecido, mas na sua época influente, Theodor Lipps.⁷

Referências bibliográficas

Assoun, Paul-Laurent 1976: *Freud, la philosophie et les philosophes*. Paris, PUF.

⁶ Como é sabido, os conceitos disposicionais (solúvel, quebrável, irritável etc.) não designam “entidades” dinâmicas (cf., por exemplo, Carnap 1936).

⁷ Uma prova da importância de Lipps para o debate filosófico na sua época é fornecida pelo fato de Heidegger, na sua tese de doutorado, defendida em 1913 e versando sobre o tema da doutrina do juízo no

- Brenner, C. 1980: "Metapsychology and Psychoanalytic Theory". *Psychoanalytic Quarterly*, v. 49, pp. 189-214.
- Carnap, Rudolf 1936: "Testability and Meaning". In: Feigl e Brodbeck (orgs.) 1953, pp. 47-92.
- Ellenberger, Henri F. 1970: *The Discovery of the Unconscious*. New York, Basic Books.
- Feigl, Herbert e Brodbeck, May (orgs.) 1953: *Readings in the Philosophy of Science*. New York, Appleton-Century-Crofts.
- Freud, Sigmund 1953-74: *The Standard Edition*. 24 v. Tradução de James Strachey. London, The Hogarth Press.
- Freud, Sigmund e Binswanger, Ludwig 1992: *Briefwechsel 1908-1938*. Frankfurt/M, Fischer.
- Heidegger, Martin 1978: *Frühe Schriften*. GA 1. Frankfurt/M, Klostermann.
- Kanzer, Mark 1981: "Freud, Lipps, and 'Scientific Psychology'". *Psychoanalytic Quarterly*, v. 50, pp. 393-410.
- Masson, Jeffrey M. 1986: *A correspondência completa de Sigmund Freud e Wilhelm Fliess*. Rio de Janeiro, Imago.